

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

VISCONDE DE ALVARENGA	J. R. B.
CHRONICA FLUMINENSE.	A.
OLHAR	Julio Cesar da Silva.
O CONTRABANDO.	Arthur Azevedo.
MISSA FALSA	Arthur Guimarães.
MEMENTO	Adelino Fontoura.
OPHELIA	Ortigão Sampaio.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS.	X, Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FRANCISCO VALLE

VISCONDE DE ALVARENGA

Quando elle passa, com a sobrecasaca preta sempre abotoada, cabeça erguida, olhar investigador, physionomia de moço, contrastando com a brancura dos bigodes e da barba aparada, todos têm para elle um cumprimento prazenteiro, cheio de amabilidade e de verdadeira sympathia.

A conhecida expressão — sacerdote da sciencia — deixa de ser uma banalidade rhetorica para corporificar-se, quando se trata do visconde de Alvarenga, character purissimo, dedicado exclusivamente á carreira que abraçou e que trilha com tanto amor.

A sua biographia póde ser feita syntheticamente nestas duas palavras: trabalho e coração.

Effectivamente, entregue, desde muito cedo, aos seus proprios recursos, que eram os do seu trabalho, elle soube lutar como um forte, e conseguiu fazer para si uma posição invejavel, honrando o nome que herdou de um dos heróes da Inconfidencia Mineira, seu antepassado.

Nem um só momento fraqueou na luta ingente para a realisação de suas aspirações; nem um só instante se desviou da linha recta da honra e do

cumprimento do dever. Prodigalisou no longo trajecto os thesouros da sua bondade, semeou no coração do povo a gratidão pelos seus beneficios, e só no remanso do lar e no affecto da familia procurou a recompensa dos seus sentimentos generosos e bons.

*

Passemos em revista algumas datas de sua existencia, tão cara a todos aquelles que têm a ventura de conhecê-lo :

Albino Rodrigues de Alvarenga nasceu em Campos dos Goytacazes, a 10 de maio de 1833. Fez os seus estudos de humanidades no antigo collegio Victorio, matriculou-se na Faculdade de Medicina desta cidade em 1852 e formou-se a 30 de Novembro de 1857.

Clinicou até 1867 em sua terra natal, onde foi medico effectivo do Hospital da Misericordia.

Em 1868 foi nomeado internamente chefe de clinica medica da Faculdade, e exerceu esse logar até 1870.

Em Janeiro de 1871 concorreu para o logar de oppositor da sessão de sciencias medicas, foi classificado em primeiro logar e nomeado por decreto de 25 de Fevereiro.

De 1872 a 1874 regeu como oppositor a cadeira de pathologia medica.

Concorreu em 1875 para a cadeira de materia medica e therapeutica, foi julgado unanimemente habilitado e nomeado por decreto de 13 de Setembro do mesmo anno.

Em 1855, quando era ainda estudante, foi a Campos em commissão do governo, por occasião da epidemia de cholera morbus; prestou, então, tantos e tão bons serviços, que o governo o agraciou com o habito da Rosa.

Em 1880, quando já tinha feito a sua reputação na clinica civil; e que esperava, depois de ter conquistado um nome, conquistar tambem uma fortuna que lhe permitisse descançar na velhice, foi nomeado medico da imperial camara. E' inutil dizer que essa graça privou-o de fazer pelo trabalho a sua independencia.

Em 1882 foi-lhe dado o titulo de conselho pelos relevantes serviços prestados á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1884 foi nomeado vice-director da mesma Faculdade e medico effectivo do Hospital da Misericordia, onde ainda hoje dirige a enfermaria de medicina de estrangeiros.

Em 1887 foi-lhe dado o titulo de barão de S. Salvador de Compos por serviços medicos prestados ao Imperador na grande molestia de que fôra acometido em Fevereiro d'esse anno.

Em 1889, no dia em que, a esforços seus e do conselheiro A. Ferreira Vianna, então ministro do Imperio, foi assentada a primeira pedra do edificio da Maternidade, foi agraciado com o titulo de visconde de Alvarenga.

Em Janeiro de 1891 foi nomeado director da Faculdade de Medicina. No dia da posse a Faculdade vestio-se de galas, e os seus collegas, na sessão de congregação, que foi uma verdadeira festa, manifestaram o seu rigosijo pela acertada nomeação do Governo Provisorio da Republica.

Desde moço dedicado exclusivamente ao estudo da medicina, conquistou no exercicio de sua profissão as honras e posições que tem tido.

Nunca militou em politica, e, aceitando as instituições vigentes, ninguém serve a Republica com mais lealdade.

A Patria tem no visconde de Alvarenga um dos seus filhos mais illustres.

J. R. B.

CHRONICA FLUMINENSE

Escrevo este artigo em dia de finados.

A natureza, como para attenuar a melancolia d'estas horas, que o calendario exige sejam de luto, mandou-nos hoje um esplendido sol, uma orgia de luz extasiadora e benefica.

Os navios revoltados não têm querido que os mortos sejam visitados pelos vivos ao troar do canhão assassino. Será crível que no coração do Sr. Custodio Mello e dos seus dignos sequazes ainda se encontrem resquícios de religião e piedade ?

*

Ouço tiros ao longe, é verdade, mas não me parecem tiros de bala. Os meus ouvidos, n'estes dous mezes de guerra civil, já se habituaram a distinguir o tiro de bala do de polvora secca. Nunca imaginei chegar a esse resultado auricular sem sahir do meu querido Rio de Janeiro...

*

Ha presumpções para crer que o fim da revolução esteja imminente, e que a victoria caiba, louvado seja Deus, ao governo legalmente constituido.

Apezar da má vontade dos estrangeiros, voltados contra as leis do Brasil com uma quasi unanimidade odiosa e parva; apesar de todos os ignobeis carapetões a que a imprensa européa tem dado curso; apesar da falta de patriotismo n'alguns brasileiros indignos do favor que o céu lhes concedeu fazendo-os nascer n'este formoso pedaço do mundo; apesar de tudo isso, e mais dos possuidores de *debentures*, e mais do *Aquidaban, etc.*, o governo vencerá, e esse resultado devemo-lo á calma, ao sangue frio, á discrição do Sr. Floriano Peixoto, e ao heroismo dos cidadãos armados contra esses aventureiros, que pretendem pôr em leilão a honra nacional.

Conto que o proximo numero do *Album* encontre os leitores no gozo de uma paz serena e prospera.

*

Não esperou pelo fim da revolução o pobre José Pinto Serqueira, e lá se foi marchando n'um d'estes ultimos dias para as regiões da verdadeira paz.

Serqueira começou por ser homem de imprensa; entregou-se depois de corpo e alma ao functionalismo, e era um dos melhores senão o melhor empregado da secretaria da Industria. Ultimamente fizera-se *sportsman* e acabou presidente do Turf-Club, associação que, segundo me consta, elle conguio salvar da ruina.

A sua ultima apparição como escriptor publico, fel-a J. P. Serqueira no *Album*, mandando para os primeiros numeros d'este periodico, sob o diabolico pseudonymo de *Belsebut*, a secção do *Sport*, que pouco durou.

Era um cavalheiro distinctissimo, um companheiro excellente, de quem terei sempre muitas saudades. Rogo á Exma. Sra. D. Julia Serqueira, viuva do meu bom amigo, senhora que muito considero e estimo, receba n'estas palavras uma pallida expressão do meu profundo pezar, e do respeito que me inspira a sua magua terrível.

A.

Recebemos o primeiro numero da *Revista Industrial de Minas Geraes*, publicação mensal, auxiliada pelo governo d'aquelle Estado, e da qual é director o nosso illustre amigo Dr. Alcides Medrado, bibliothecario da Escola de Minas de Ouro Preto.

E' uma publicação importantissima, destinada a concorrer eficazmente para o progresso do florescente e opulento estado mineiro. O nome de Alcides Medrado é bastante para assegurar-lhe um logar de honra na imprensa brazileira.

— Recebemos tambem o primeiro numero da *Revista do Gremio Evolução*, que se publica na capital da Bahia, e da qual é redactor-chefe o Dr. Manoel Britto e são redactores os Srs. Filgueiras Sampaio, Raphael Pinheiro e Gahagem Champloni. A nova revista promette, no seu programma, « concorrer com o que estiver ao seu alcance para o engrandecimento das sciencias e letras brazileiras. » Este primeiro numero é interessante e prima pela escolha dos artigos.

— Do Maranhão foram-nos remettidos alguns numeros da *Revista Elegante*, publicação mensal, distribuição gratuita, propriedade da Alfaiataria Teixeira.

OLHAR

A VALENTIM MAGALHÃES

Olha me assim... No teu olhar boia uma prece,
Boia um fluido de luz que me encanta e me ensalma...
Olha-me assim... A luz do teu olhar parece
Penetrar o mysterio infindo da minh'alma.

Olha-me assim.. Que olhar tão mystico e tão santo!
De certo não existe uma mulher na Terra
Que tenha olhar assim, que resplandeça tanto,
Que encerre a suave luz que o teu olhar encerra.

Olha-me assim.. O teu olhar é como um templo
Que á compunção da prece e ao extase convida,
É onde, semi cerrando as palpebras, contemplo
Os mysterios do Céu e os sonhos d'Outra Vida ..

Olha-me assim... O teu olhar doce e tristonho,
Quando, unido de magoa e encanto, ao Céu se eleva,
Parece dirigir-se á habitação do Sonho,
Ou, mais longe talvez, á habitação da Terra ..

Trazes no olhar os sóes, as nuvens e os luares,
N'uma expressão de magoa e angelica apparencia,
Do patrio céo, do patrio amor, dos patrios lares
Que te choram, de longe, á demorada ausencia...

Não me olhes mais assim... Torna ao Céu onde moras...
Esquece que te amei... E, pelo espaço, á tóa,
Entre raios de sóes, entre chamimas de auroras,
Como uma ave, espalmando as brancas azas, vôa...

S. Paulo.

JULIO CESAR DA SILVA.

O CONTRABANDO

(Conclusão)

IV

Depois dos dous primeiros pratos, acompanhados, o primeiro por um rico Sauternes e o segundo por um riquissimo Pommard, notou Geraldo que cada um dos commensaes se occupava muito particularmente de uma de suas visinhas. O Tavares bebia pelo copo de mademoiselle Georgina. O doutor Tavora passára o braço em volta da cintura da Sinhá. O advogado segredava não sei o que ao ouvido da Mercedes, que revirava languidamente os olhos. O Motta cantarolava um trecho de zarzuela, tamborilando nas costas da Conchita. O visconde, que se queixava do calor, entrelaçava os dedos nos de Angelina. Só Geraldo e a ultima chegada se conservavam sisudos, como se assistissem a um banquete de muita cerimonia.

— Então que é isso, Geraldo? vociferou o Tavares. Não dizes palavra a essa pobre moça? .. não

lhe fazes a côrte?... Sê romano em Roma, meu velho! Esquece-te dos teus velhos desgostos! Transforma-te!

Geraldo, effectivamente, começava a sentir a necessidade de transformar-se, para não ser ridiculo.

— Como se chama? perguntou á sua visinha n'um tom de voz brando e carinhoso.

— Laura.

— E' filha mesmo d'aqui?

— Sou de Vassouras.

— Já não tem pae nem mãe?

— Animo, Geraldo! vociferou o Tavares.

— Tenho mãe; meu pae morreu quando eu era pequenina.

— Vive em companhia de sua mãe?

A moça estranhou a pergunta, e voltou para o seu interlocutor uns olhos muito espantados. Depois cahio em si, reflectio que a curiosidade do outro era uma coisa muito natural, e respondeu:

— Não, senhor.

— Com quem vive então?

— Vivo sosinha. Eu era casada, mas deixei meu marido.

— Porque?

— Porque não gostava d'elle. Mamãe obrigou-me a casar contra a vontade. Eu gostava de um moço que me tirou de meu marido, me trouxe para o Rio de Janeiro, e me abandonou no hotel. Não conheço ninguém n'esta terra, e se não fosse madame Bertin...

A conversação continuou por algum tempo n'esse terreno simples e innocente; continuaria ainda, se o *punch à la romaine* que no *menu*, delicadamente impresso em ventarolas de seda, figurava como *coup du milieu*, não se combinasse com o Madeira, o Sauternes e o Pommard para a transformação de Geraldo. Porque, digamol-o, o nosso viuvo, como todos os homens melancolicos, gostava de fazer honra aos bons vinhos.

A's nove horas, quando estoirou o champagne, todos os convivas, inclusive a bisonha Laura, fumavam magnificos cigarros egypcios, — « dos que fuma o kediva », observava o Tavares, que não perdia ensejo de encarecer o seu regabofe. A sala enchia-se de fumo. O doutor Bandeira e a Mercedes beijavam-se descaradamente. A Sinhá, para ficar mais á vontade, pedia ao doutor Tavora que lhe desabotoasse o corpinho. O Tavares ia buscar com os labios as uvas que mademoselle Georgina prendia entre os dentes, e dizia-lhe umas coisas n'um francez capaz de fazer tremer de indignação a sombra de Bossuet. O Motta, embriagado, rescostava-se no collo da Conchita, que o penteava com os dedos. O visconde, que se pozera em mangas de camisa, abraçava voluptuosamente a italiana, e gaguejava um brinde « ao nosso Amphytrião », brinde a que ninguém prestava ouvidos. Geraldo e Laura, de mãos dadas,

faziam protestos de se não separarem aquella noite.

V

A's onze horas, quando os convivas se levantaram da meza, Geraldo, ebrio de vinho e de volupia, apoiou-se á cadeira para não cahir. Foi para a saleta, e Laura acompanhou-o até um divan, onde se sentaram ambos, de mãos dadas, elle saboreando um havana, ella fumando, por obrigação, desageitadamente, outro cigarro dos que fuma o kediva.

O visconde e os doutores desapareceram com as suas visinhas respectivas. Só ficaram Geraldo e o Motta, — este tão bebado, que o Tavares mandou preparar-lhe o quarto de hospedes. Conchita, affectuosa e sollicita, offereceu-se para fazer-lhe companhia durante a noite.

O Tavares aproximou-se de Geraldo, a rir-se :

— Deitaste as manguinhas de fóra, heim, meu santarrão ?

Geraldo limitou-se a sorrir, lançando uma baforada de fumo.

— Olha, eu quiz ser gentil para contigo, continuou o Tavares ; mandei apparellhar a victoria, para acompanhares a pequena á casa d'ella... ou á tua...

— A' minha, redarguiu Geraldo ; ella já me disse que ainda não tem casa...

VI

Quando a victoria do Tavares se poz em movimento, conduzindo Laura e Geraldo, este, bafejado pelo ar fresco da noite, foi a pouco e pouco recuperando a consciencia nitida dos seus actos, e medindo toda a extensão dos excessos a que se entregára.

Sinceramente arrependido de ter aceitado o convite do Tavares, comparecendo a um jantar que degenerára em orgia, achava agora um incommodo trambolho a infeliz rapariga que alli ia atirada no fundo d'aquelle carro, com as palpebras cerradas, ignobilmente vendida á sua concupiscencia.

Perdéra agora aquelle desejo que á meza lhe despertaram os sentidos ; achava-se paternal junto d'essa mulher, e velho de mais para ella, que era quasi uma criança.

E lembrava-se das historias que Laura lhe contára durante o jantar : o seu casamento, a sua fuga, a sua desgraça ; e o coração enchia se-lhe de piedade e azedume. Tudo aquillo devia ser verdade ; ella não tinha ainda o feitio da *cocotte*, era ainda noviça na profissão : não devia saber mentir.

E Geraldo perguntava aos seus botões :

— Que vou eu agora fazer d'esta pequena ?

Depois, lembrou-se da ultima vez em que andára de carro. Havia já muitos mezes. Foi uma noite em que levára a filha aos *Huguenotes*, e

teve que restituil-a ao collegio depois do espectáculo. Como ameaçasse chover, tomaram um carro no largo da Carioca. Margarida ia assim, como Laura, atirada para o fundo do carro, com as palpebras cerradas...

— Vallia-me Deus ! que vou eu agora fazer d'esta pequena ?...

VII

A uma hora, Geraldo apejava-se do carro e batia á porta de casa. Veio abrir-lh'a o José, que o esperava de pé firme, e notou, sorpreso, que o patrão viêra acompanhado por uma mulher. A principio suppoz fosse a menina, que tivesse ido com o pae ao theatro e uma circumstancia qualquer impedisse de voltar n'aquella mesma noite para o collegio, — mas qual não foi o seu espanto ao ver que se tratava de um *cantrubando*, o primeiro que entrava n'aquella casa !

— Póde recolher-se, disse-lhe Geraldo.

O criado sumio-se, e o patrão abriu a porta da sala, convidando Laura a entrar.

Entraram, e elle immediatamente accendeu o gaz.

A rapariga olhou com curiosidade em volta de si, e o retrato de Margarida chamou-lhe logo a attenção.

— Que moça tão bonita e sympathica ! exclamou ella. Parece uma santa ! — Quem é ?

— Minha filha.

— Sua filha ? Que idade tem ?

— Dezesete annos

— Tem a minha idade.

Geraldo estremeceu.

— Tem tambem dezesete annos ?

— Nasci em 1874.

— Sim ?... e em que mez ?...

— Em Abril... no dia 27 de Abril.

O viuvo enpallideceu e ficou a olhar para a rapariga com uma expressão singular. Depois sorriu, pareceu reflectir, foi ao seu quarto, abriu um guarda-roupa, e tirou do gavetão uma camisa de mulher que alli estava religiosamente guardada havia dez annos, com outras roupas que eram o espolio sagrado da morta.

— Aqui tem uma camisa de dormir. Dispa-se e deite-se.

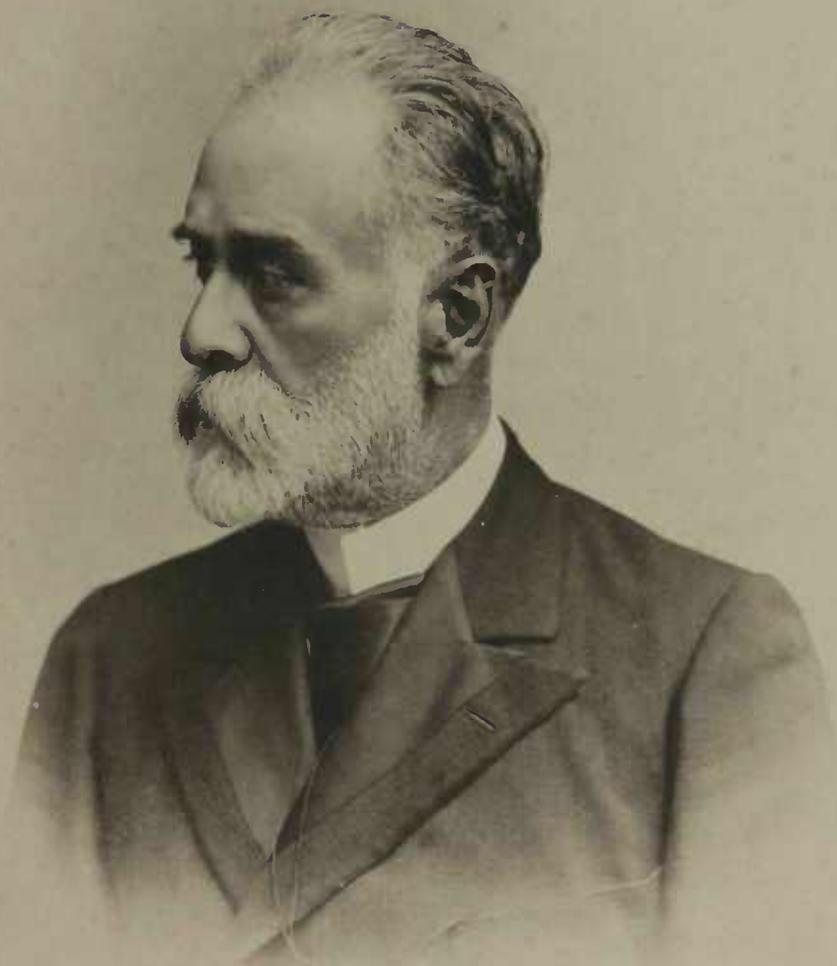
Laura ficou sosinha no quarto. Elle esperou que ella se despisse e se deitasse, trouxe para a sala as suas roupas humidas e estendeu-as nas cadeiras para seccarem, apauhando o ar que entrava timidamente pelas venezianas.

Tornou á alcova. Laura estava deitada. Tinha vestido a camisa. Bocejava. Parecia morta de somno. Geraldo cobrio-a com um lençol, e perguntou-lhe:

— Gosta de dormir com luz ?

— Gósto.

Elle accendeu uma lamparina e apagou o gaz. Depois, aproximou-se da cama, abaixou-se, beijou a sua hospede na fronte, e disse-lhe :



Phototypia J. Gutierrez.

VISCONDE DE ALVARENGA

— Boa noite, Laura ; durma bem.
— Oh !... então o senhor não se deita comigo ?

— Não.

— Porque ?

— Porque você nasceu no mesmo dia em que nasceu minha filha.

Ella comprehendeu, ficou muito triste e murmurou:

— Boa noite.

Geraldo foi para a sala, despio-se e deitou-se no canapé. Reflectio que Laura iria talvez fazer máo juizo da sua virilidade, e espalhar por ahi que elle não era um homem. Um instante quiz erguer-se para justificar-se positivamente. . . Mas não; separava-os aquella data: 27 de Abril de 1874; seria quasi um incesto! Adormeceu, e passou toda a noite no canapé

Levantou-se pela manhna, foi á alcova, e encontrou Laura acordada. Indicou-lhe a *toilette* n'um quarto adjacente, e levou-lhe as roupas que ficaram na sala a seccar. Depois, servio-lhe uma chicara de café com leite e biscoitos.

A's oito horas e meia, Laura estava vestida. Geraldo chamou o José, e deu-lhe ordem para acompanhá-la até a casa. Quando ella ia a sahir, elle metteu-lhe nas mãos um *enveloppe* contendo uma nota de cem mil réis, beijou-a na fronte, e disse-lhe :

— Adeus, minha filha.

E poz-se á janella, e acompanhou-a com a vista até vel-a dobrar a esquina, com muita pena de não poder tiral-a para sempre d'aquella vida.

Depois, foi contemplar o retrato de Margarida.

ARTHUR AZEVEDO.

MISSA FALSA

I

Catão Augusto, rapaz do commercio e de bom nome, filho de familia distincta, ia pedir a mão de sua prima Laura, certo da aquiescencia dos paes e da joven ; mas um receio fundado interpunha-se-lhe, vestindo as fórmas positivas de medo.

Coralia, *horizontal* intelligente e vaidosa a quem se ligára na vida airada de solteiro, havia de, por conveniencia, querer impedir o casamento, pondo em campo meios de seducção, o que seria para elle serio embaraço a remover.

Resolveu, no emtanto, pedir a mão da prima, depois de ligeira luta de espirito, e procurou em seguida a cortezan, que lhe captára a constancia á custa de fortes deleites e calculadas meiguices.

Coralia enfureceu-se, atirou-lhe baldões, exprobrou-lhe o procedimento, teve uma lagrima e uma resignação, mas Catão Augusto objectou que

a resolução era definitiva, inabalavel, e sahio, deixando-a em pranto.

Não verificou se este era produzido pela sinceridade ou motivado pela raiva, e d'est'arte se explica o ter elle, n'um sabbado, voltado á casa de Coralia; levava-lhe as despedidas, nas vespervas do casamento, algum tanto commovido, carinhoso e melancolico.

Conhecendo os impetos aggressivos da *horizontal*, queria quebrar-lh'os para tranquillidade futura, separando-se amigavelmente.

E ao sahir da alcova de Coralia, onde jamais voltaria se aqui quizermos dar credito ao projecto certamente fallivel que momentos antes fizera o risonho noivo — estava convencido de que a *horizontal* se conformára, não havendo mais motivo para receio de escandalo.

II

Raiou, afinal, o dia 30 de Agosto, aprazado para se receberem em matrimonio os dous primos, e a manhan esplendorosa veio contribuir para a alegria do noivado rico de alacre suavidade.

Catão Augusto accordou prazenteiro, vendo diante de sua phantazia o arrebol da felicidade, de côr verde, ferido por luminosos raios — os negros olhos de Laura.

E a voz da prima entrava-lhe pelo coração como o som de um sino de ouro tangido por archanjos

Sahio, embalado por sonhos, entregue á prelibação da intensa felicidade a fruir.

Levava o amor no coração, e o primor no traje cerimonioso.

Contra habitos inveterados, não havia lido as folhas matutinas ; não queria conhecer noticias triviaes n'aquelle magno dia.

Uma vez chegado á casa do noivo, pouco se fez demorar o acto civil.

Ao ser cumprimentado pelas testemunhas, Catão notou que o Mendonça, um amigo, que estava no vão d'uma das janellas, chamava-o, e logo que poudo foi ao encaço d'elle.

Mendonça perguntou-lhe mysteriosamente :

— Leste a *Gazeta* ?

— Não, porque ?

— Porque refere-se a ti funebremente...

— Como ?

— Na columna das missas, quarta pagina, o ultimo annuncio.

— Estás a gracejar, Mendonça.

— Não estou tal, Catão ; provo-t'ó já... Se quizeres, pede a *Gazeta*.

— Bem, acredito. Não quero ler, prefiro que me digas o que é, mas baixo, para que Laura não nos ouça.

Mendonça collou a bocca ao ouvido de Catão Augusto o tempo necessario para repetir-lhe *ipsis verbis* o que lêra, aliás o seguinte :

— « Reza-se uma missa hoje, ás 9 horas, na igreja S. Francisco de Paula por alma do inditoso Catão Augusto da Silva, e agradece-se a todos que comparecerem ao acto de piedoso acatamento á memoria do morto »

— E que diabo tenho eu com esse annuncio? Não estou vivo?... Certamente é outro de igual nome.

— Olha que não é, Catão; anda n'este annuncio o dedo intelligente e sarcástico de... de...

— Basta. Mendonça, comprehendo tudo— disse em voz cava o recém-casado.

E instantaneamente passou da alegria cantante á mais funda tristeza.

Coralia, a perfida, era autora anonyma do annuncio; armara-lhe a ultima cilada, desfechára-lhe certo golpe, agachada nas trevas.

Empalliddeu e remetteu-se a estranho meditar.

E se Laura lesse por acaso o annuncio e levantasse o véo de malicia e sarcasmo n'elle contido?...

Um frio correu-lhe pela medulla.

Foi, porém, chamado á realidade pelo sogro: era chegada a hora de partirem em busca da consagração religiosa ante o altar de Deus.

A curiosidade de Laura, contida até então, explodiu quando, installados no *coupé*, queria á fina força saber o que Mendonça dissera mysteriosamente ao ouvido de Catão.

Este ladeou, Laura insistio, o afinal amuaram.

Ante o padre, na igreja, Laura recusou-se a dar o sim da praxe... e não casaram religiosamente, sendo desagradabilissima a impressão causada nos assistentes...

Comprehendo-se tambem a afflicção dos paes de Laura, que não podiam atinar com o motivo de tão singular e brusca resolução da filha, tanto mais que perante as leis do paiz Laura estava bem casada...

III

Foram feitas as pazes á noite, quando Catão Augusto mostrou a *Gazeta* á noiva, dizendo que fóra um mão gracejo de um amigo...

A familia rejubilou, mormente quando Mendonça veio em apoio de Catão, de clinando até o nome do autor da missa: devia ser o Carolino.

No thalamo conjugal foi mais tarde consagrada a felicidade do par gentil, atravez do hymno triumphal do amor...

ARTHUR GUIMARÃES.

O nosso distincto amigo Augusto Britto tem o bom gosto de cultivar a litteratura dramatica durante os curtos lazeres que lhe deixa o seu operoso logar de administrador dos correios do Maranhão. No anno passado publicou elle o primeiro volume do seu theatro, contendo o drama *Deshonra e crime* e as comedias *Uma moça astuciosa*, o *Bigamo* e *Mudar de sexo*. O segundo volume appareceu agora; contém: a *Irola preta*, drama, *Amor burlesco* e *Criticos momentos!* comedias. Em todos esses trabalhos Augusto Britto revela um engenho que seria aproveitado se houvesse theatro na nossa terra. Mas... nem é bom fallar n'isso!

MEMENTO

A RAYMUNDO CORREIA

Era um piano de Erard que as languidas volatas
Chorava tristemente, em tom sentimental.
A velha inspiração e as musicas baratas
Vertiam-lhe ao teclado a lagrima ideal.

E vivia a tossir de um modo gutural
Romanzas e canções, duettos e balatas,
Arias... e *tutti quanti* existe de banal
Nas *Lucias*, nos *Romeus*, nas doces *Traviatas*.

A' noite, nos sarãos, estropriava *schottischs*
E valsas de Metrá, e molles habaneras.
Não tocava Mozart, nem tocava *Huguenotes*.

Este velho piano, este traste vetusto,
Ao ouvir de Boito, um dia, as pulsações austeras,
Morreu pallidamente e creio que de — susto!

ADELINO FONTOURA.

OPHELIA

Na Dinamarca, um dia, uma virgem harmoniosa
como as balladas e loura como as searas, amou e
amou muito.

As harpas dos ventos entoavam funebres canções de morte, narrando-lhe as tempestades de um coração de principe, e as aves e as nuvens faziam passar as suas sombras por sobre as supercies dos lagos, como o presagio de uma noite na limpidez de um cerebro. Comtudo amou.

Mas, nos paços dos reis, havia os magnificos jardins por onde passeiavam, ás tardes, os tedios da côrte. E aquella cabeça aureolada vinha reviver allí o seu amor, nas agonias de luz de um sol cahido. Não tardava muito que os montes se tornassem phantasmas-baços, deitados a doamir, e os arvoredos ciciavam orações que ella repetia ao Christo, a prol das angustias do seu principe.

Ora, desencadeou-se a trovoada de um cerebro, e o coração, como um animal com medo, acolheu-se no fundo do peito sem ruido. O principe negava-lhe que a amava e, n'um turbilhão de ideias, aconselhava a reclusão dos claustros. — E's pura? E's bella?... Vae para um convento. — E a virgem, com a admiração nos olhos, soltou a voz n'um dor, que vibrou por longo tempo, como um finissimo crystal. Desde então, aquella criança ingenua e candida, perdendo o fogo de um sentimento extincto pelo gelo de uma philosophia, foi buscar allivio ás flores com a sua frescura de orvalho e as suas caricias de perfume. A' noite, cercada de pyrilampos, vagueava pelos jardins da realza, cantando o seu luto n'uma nevrose de louca. De

dia, cortava as rosas, ia beijar as açucenas, sacudindo com rancor a flor vermelha e forte do cactus de uma estufa. E no regaço, trazia as flores entre sorrisos e pranto. Estava doida.

Uma vez, ao pé do rio, sentio a attracção do azul como uma bella flor de lotus. E, ao ver em baixo a imagem de um grande céu, lançou-se n'aquelle extase de paixão aristocrata. Ficava morta.

Foram-na encontrar, depois, boiando, como um lyrio na placidez de um lago.

ORTIGÃO SAMPAIO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

— Sua mãe ?

— Ella mesma — principiou em voz baixa e narrando, em contrario da verdade, um trama, que momentos antes urdira habilidosamente para se vingar de Lucio. — Quando o doutor frequentava, amiudadas vezes, a casa da minha familia, foram instantes e continuados os galanteios de que me acercou. Percebi que me fazia a côrte. E, em que peze confessal-o, não lhe fui indifferente.

Carmen observou o rosto de Tosti, emquanto elle se estorcía de ciúme.

— Bem ! — continuou — Poderia mesmo amal-o, se, ao par das seducções de que dispõe sempre um homem de talento, houvesse o credito de um comportamento digno e exemplar. Assim não foi. D'ahi... succederam-se a indifferença e o retrahimento, a que nunca se poderá furtar toda a mulher honesta, quando sabe que o homem, que lhe segreda protestos de amor, dá como successora para estes momentos de poesia e sentimentalismo horas de loucuras lascivas, em cujo desencadear se ouvem ainda as mesmas expressões de amor, não murmuradas ao ouvido de uma moça e sim ao de uma simples

— Comprehendo !

— Por consequencia, esse homem, embora visitado por um talento notavel, esse moço a quem Montevideo eleva um culto e applaude, abrindo-se, como por encanto, não tanto a intimidade das familias, como o coração das minhas compatriotas, não poderia completar meus sonhos. Quando me confienciaram o proceder desairado de Lucio, todas as minhas illusões cahiram de chofre e sepultaram-se na profundeza do indifferentismo. O que faz da mulher casada um ente invejavelmente feliz não é o talento, não são as irradiações da mentalidade fulgente e vivida, é o coração terno e amante, é a

dedicação na unidade do sentimento, é o exclusivismo no amor. Lucio não me poderia encantar a existencia, seria um crime o querer-me, e mais loucura o aceitar-o !

— Repellio-o ?

— Não tanto ! Esquivei-me.

— E então ? ...

— Chegado a este ponto, minha mãe, que se interessava pela minha felicidade

— Naturalmente ...

Carmen sorrio e fingio não ter ouvido.

— ... receiou que o meu procedimento para com o doutor Lucio desse um resultado negativo. Tratou de reconciliar a minha desillusão com a pretensão do doutor. Expuz então os motivos de minha recusa. N'isto, minha mãe aconselhou-me, dizendo que não devia ser ingenua, — que as amigas tramam d'estas comedias e intrigas para que se abandone o pretendente que, por sua vez, lhes póde ser de proveito. Depois — ainda acrescentava — todos os moços têm a sua epoca de loucura. Lucio não fazia mais do que pagar tributo a essa exigencia da idade. Succedeu, pois, o que nunca merecerá a minha approvação: á medida que me afastava de Lucio, minha mãe d'elle se acercava, amando-o como a um filho, com todo o entusiasmo e idolatria. O doctor creu que se modificára a minha opinião. O amor proprio exerce-lhe no systema nervoso accção poderosa ; exaltou-o a dedicação maternal. Interrogou-me. Queria saber a ultima palavra decisiva sobre os meus sentimentos. Fui conclusiva.

— Que lhe disse, Carmen ? — atalhou Guilherme com anciedade.

— A phrase que devia ultimar as pretenções de Lucio e servir de base para esta obra de miseria, a que hoje assistimos n'este theatro: declarei que não o poderia amar, porque entre o meu coração e o d'elle existia um abysmo: o seu procedimento indecoroso e libertino.

— Obrigado — exclamou a sorrir Guilherme Tosti, sem perceber que todas as palavras da narradora eram obra de outra comedia imaginada para servir de punhal vingador.

— D'ahi nasceram o odio e a infamia. O doutor Lucio deixou-se arrebatado pelo delirio da sua vaidade, do orgulho desmedido e do amor proprio ferido. Retirou-se de uma vez para sempre da casa de meus paes; e, quando lhe era de dever esquecer-nos, rebaixou-se; interpretou a dedicação de minha mãe como a expressão de um amor condemnavel. Orgulhoso — entendeu que a esposa do coronel Blanco o poderia encarar com outros olhares que não fossem de sympathia; anão de character, interpreta a amizade de um modo diverso e opposto. Fez da protectora alvo da baixeza. Ah! ... devia, afinal, eu mesma comprehender onde deveria tocar todo este degradante enredo da comedia. Esse senador, é o meu padrasto, é o respeitavel coronel Blanco; essa esposa infiel e repugnante, de instinc-

tos devassos é... Carmen n'este momento sentia a sinceridade das palavras. Calou-se, enquanto uma lagrima descia-lhe silenciosa pela face.

— Compreendendo tudo. E esse francez, um livro de moralidade feito homem, é o proprio doutor?... Miseravel! — rugio Guilherme sinceramente impressionado.

O dialogo serenou. Dir-se-ia que o desgosto profundo dava aos interlocutores um problema intimo a resolver.

— E que me diz, Carmen, se eu soubesse, hoje mesmo, vingal a e á sua familia?

Um raio furtivo de alegria luzio então entre as pupilas de Carmen.

— Como assim? interrogou.

— Pateando solememente a comedia?

— Pateando! E como, se o publico se entusiasmou de ha muito?

— Facilmente! Mas

— Ah! um *mas*...?

— Sim, porque a amo, porque me quero expor, com uma condição: ouvir de seus labios o consentimento e accitação de meu amor.

— Como sahir d'esta cilada? pensou ella; eu não o amo...

Depois de um momento:

— Seria adiantar um pagamento — disse. Depois... não seria muito justo...

— Seja! Aceito, porque tenho a certeza do triumpho.

Guilherme terminava apenas a phrase, quando a porta do camarote se abriu. Apareceram o coronel Blanco e Dolores.

A orchestra atacava os primeiros compassos de uma valsa de Strauss.

A' plateia voltavam os espectadores.

Tosti comprehendeu que não tinha tempo a perder. Despedio-se.

— Agrada-lhe a comedia? — perguntou o coronel que bem sabia a opinião do moço.

— E' uma delicia — respondeu-lhe seccamente e dando-se ares de juiz.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Não ha duvida que a companhia Sanzone está prestando á população do Rio de Janeiro um consideravel serviço, e é pena, realmente, que a população do Rio de Janeiro não se aproveite d'elle.

A representação da *Força do destino*, de Verdi, foi bem regular, e melhor seria se o tenor Vilalta não estivesse doente e se a contralto Orsini não se lembrasse de rufar tambor a valer durante o famoso rataplan, que foi um desastre. A soprano Vita, os

barytonos Pozzi e Giannini, e o baixo Bardossi deram boa conta do recado.

A *Traviata*, de Verdi, representada em seguida, desagradou mais por culpa da orchestra que dos cantores. O tenor Percopo cantou com muito brio, e a soprano ligeiro Fons não desmereceu dos applausos que obteve quando cantou o *Barbeiro*. O barytono Pozzi é que não esteve tão feliz como na *Aida* e na *Força do destino*.

O *Ballo in maschera*, de Verdi (sempre Verdi!), foi, relativamente, um triumpho para a companhia. Uma estreicante, a soprano dramatico Bianca Montesini, *ainda* tem voz, e cantou agradavelmente a parte de Amelia. O tenor Vilalta foi muito applaudido e o barytono Giannini mostrou-se mais digno da Guarda Velha que do Lavradio. A soprano ligeiro Fons estava muito á vontade no seu *travesti*: foi um delicioso pagem Oscar e cantou com muita correção todo o seu papel. Os demais artistas fizeram-se, applaudir, e a orchestra, dirigida pelo joven maestro Maffezzoli, esteve melhor que das outras vezes, e deu certo relevo ás innumerables bellezas da peregrina partitura do *Ballo in maschera*.

Tambem agradou muito a execução do *Trovador*, de Verdi (E então?). Vilalta deu quatro dós de peito na *Madre infelice*; o teatro parecia vir abaixo com a ovação que lhe fez o publico. Orsini (Assucena), Montesini (Leonora) e Pozzi (conde de Luna) foram tambem muito applaudidos. A concurrencia foi mais numerosa que nas outras noites. Podéra! — o *Trovador*...

*

Confesso que não tenho ido aos outros espectaculos, e peço desculpa aos leitores por ter d'esse modo faltado ao meu dever profissional; entretanto, sci pelos jornaes:

Que a companhia do Recreio Dramatico poz em scena o velho melodrama a *Graça de Deus*, uma das peças mais populares do illustre D'Ennery;

Que os artistas portuguezes actualmente aboletados no Sant'Anna, representaram um drama em 5 actos, o *Degredado*, original do incansavel autor-actor Julio Vieira;

Que no Apollo o *Abacaxi* cedeu o palco a uma *réprise* do *Gato Preto*;

Que a companhia do Variedades partio para S. Paulo, onde se estreiou com a *Mimi Bilontra*, deixando o teatro a uns actores hespanhoes de quinta ordem, que assassinaram barbaramente o *Don Juan Tenorio*, de Zorrilla.

X. Y. Z.

Além dos jornaes e periodicos do costume, recebemos ultimamente o *Estandarte*, de S. Paulo, e a *Tribuna do povo*, de Uberaba (Minas), que chama a actriz Helena Balsemão de « lau eada emula de *Saharat* ». Pobre Helena!...